



O significado amplo do verbo fazer e a sua diferença face aos verbos pensar e falar

Existe uma enorme diferença entre pensar, falar e fazer. No entanto, muitos “executivos” (que de tal só têm mesmo o nome) confundem o fazer, o agir, o tomar decisões, implementá-las e monitorizá-las, com o apenas pensar e o apenas falar.

Por **PAULO MORGADO**

Ou seja, julgam-se seniores, mas não são seniores o suficiente para saber que fazer não é a força ou actividade que empregam a pensar ou a falar. Pensam que pensar só por si é fazer, o que é errado. E pensam que falar só por si é fazer, o que pode estar certo...

Pensar não é fazer

Pensar não é fazer no sentido de um agir sobre a realidade. Podemos pecar por pensamento mas não vamos presos ou somos medalhados apenas por pensamento. O pensamento, quando muito, contribui para a determinação da intenção de praticar ou não certo acto. Para a determinação do dolo, como diriam os de direito. Mas o pensamento em si mesmo não é um acto (Não nos tirem essa liberdade...). No entanto, o acto, o fazer, é originador de pensamento, ainda que intuitivo. Ou seja: pensar não é fazer, mas fazer, praticar actos, é pensar.

Falar patéticos não é fazer

QUANTO AO FALAR – que traduz sempre um certo agir, porque pode-se ir preso ou ser medalhado por falar (ou escrever) – pode ser ou não ser um fazer (no sentido positivo, de criação de valor, que é o fazer que interessa).

» O **falar pateta** (dizer patéticos) não é fazer.

» O **mero falar** (emitir palavras com bom senso) pode ser ou não um fazer. Se esse fazer se traduzir em obra, é um fazer.

» O **falar com força** (passar informação com um certo ênfase) pode ser ou não um fazer. Falar patéticos com força não é fazer.

De como se pode pensar fazendo

FAZER É PENSAR. Com efeito, quanto do pensamento necessário à tomada de decisão é exactamente originado quando parte dessa decisão, ou de outra decisão (desejada ou

indesejada), já está em curso. E esse pensamento é o pensamento que só pode ser obtido se já nos tivermos engajado, comprometido, no fazer. Por aqui se compreende o que defendo: o fazer como modo de produção de pensamento intuitivo. Há outro tipo de pensamento, mais analítico, que se pode igualmente obter pela via conceptual, à volta de uma mesa dentro de um gabinete: o pensamento analítico. Um e outro são complementares, mas só o fazer traz o pensamento intuitivo.

De como se pode fazer falando

QUANTO AO FALAR? O falar também pode contribuir para o pensamento: o chamado pensar alto. Mas isso representa pouco, muito pouco, do potencial do falar. Os políticos que o digam. É aqui que entra a retórica, o tom de voz a veemência com que as coisas são ditas, visando convencer, motivar, entusiasmar... Visando um fazer. O modo como as coisas são ditas e não apenas as coisas que são ditas visa também um fazer. Coloque-se um CEO de uma empresa tecnológica a falar com entusiasmo para uma audiência que passa de dormiente a ardente e isso traduz, desde logo, uma fazer. Às vezes, se perguntarmos a essa audiência o que foi dito eles nem se recordam muito bem, mas o entusiasmo e a motivação que incendiaram (no sentido metafórico e não pirotécnico do termo) a sala ficaram! (Este próprio ponto de exclamação visa um fazer.) □

Conclusão:

- » **PENSAR NÃO É FAZER.**
- » **FALAR PODE NÃO SER FAZER.**
- » **FAZER É FAZER POSITIVO.**